

Horizontes da Geração de 70

Manuel Gama

(Director do Centro de Estudos Lusíadas
da Universidade do Minho)

mrcgama@ilch.uminho.pt

1. Antero de Quental teve preocupação pelo bem comum, tendo utilizado a palavra *socialismo* quando ela ainda soava muito mal ao ouvido.

Foi um homem solidário nas palavras e na acção, tendo realizado mesmo uma experiência de operário. Não foi, no entanto, um proletário no sentido etimológico e rigoroso do termo (aquele que tem apenas a sua prole). Foi mais um lutador de ideias, que sabia apreciar algumas das coisas boas da vida. Nesse sentido, no meio da assídua troca epistolar, encontra-se uma carta ao seu amigo Alberto Sampaio, datada de 1881 (precisamente 10 anos após as Conferências Democráticas), onde são feitas considerações reveladoras de quem sabia deliciar-se com um bom vinho, neste caso o do antigo e estimado companheiro coimbrão, agora da Casa da Boamense:

«Do teu vinho, que já tenho libado, dir-te-ei maravilhas. É em tudo digno da reputação que no ano passado alcançara e que fica agora inabalável. Este teu produto prova uma coisa, e é, que se os lavradores do Minho, em vez de estragarem a uva fazendo uma zurrapa de bárbaros, fizessem daquilo, podiam criar um tipo de vinho para ser muito nomeado e dar-lhes bastante interesse.»

2. Usando agora o vinho como metáfora, parece-nos que as ideias e a acção desta Geração foram vinho novo em odres velhos. E o certo é que os odres ainda

resistiram e o vinho, ao tempo, não foi devidamente libado. Ficou a atitude daqueles homens corajosos. As ideias nunca se extinguem de todo. Diferentemente do mundo da flora, há sementes de ideias que levam muito tempo a germinar

As ideias tinham um efeito perturbador e os homens das Conferências Democráticas foram apenas trabalhadores de ideias. Tal foi suficiente para lhes arrolharem a palavra.

O retrato, que nos deixaram do nosso último quartel do século XIX, foi o de um país parado, votado ao ostracismo, alheado do exterior. A notável Geração de 70 tomou a peito a indicação do norte, para a construção de um “novo” Portugal, deixando-se iluminar pelos valores da Revolução Francesa. A tarefa foi árdua, cheia de torcidos e retorcidos. E, embora os «Vencidos da Vida» (Nova) buscassem o seu ponto de identidade e união na suposta decadência nacional, é certo que a semente nova ficou.

No entanto, ontem como hoje - parece ser nossa sina -, quando aparecem homens a dar um rumo, a indicar o horizonte, logo uma rolha, uma ridicularização, uma perseguição sibilina, se encarregarão de pôr cobro. Ou, em atitude antípoda, o não querer saber, a indiferença sistemática, o tudo ridicularizar, produz efeito análogo.

3. Mesmo aceitando que alguns homens são figuras cimeiras no devir da história, tendo ou sendo-lhes dado mais protagonismo nos registos escritos, é também verdade que o desenrolar da vida é tão complexo que dela não podemos excluir quaisquer dos seus agentes.

É esse o objectivo principal deste Colóquio: ver como para um ideário tão nobre como o da Geração de 70 (de que nos irá falar o Dr. Guilherme de Oliveira Martins), concorreram outros homens de que a História (qualquer subtítulo que ela tenha) quase não deixou registo, apesar do seu papel insubstituível. Tentaremos ver isso ao longo deste dia, analisando as ideias propostas e respectivos valores.

Finalmente, uma palavra evocativa do Prof. Lúcio Craveiro da Silva (1914-2007). Presidiu ao Conselho Cultural da Universidade do Minho desde a sua criação (Despacho reitoral de 2 de Junho de 1986) até ao seu próprio falecimento. Com um cuidado inexcelsível apoiou e acarinhou as suas várias unidades culturais, presidindo à maioria das suas actividades. Falta-nos hoje, aqui, para falar do “seu” Antero de

Quental, cuja evocação, por vezes, o levava a uma transfiguração de voz. Em espírito, o amigo e o poeta, ambos estarão connosco.